

# “A ONDA”

## – Um Caso de Identificação no Cinema.

Fernando Jesus Pereira

Resumo: Este trabalho relaciona a obra cinematográfica “A Onda” com a teoria freudiana, em especial a psicologia das massas e, por fim, a própria questão da falta e da castração.

### **A Onda\* - Um Caso de Identificação no Cinema**

Baseado em fatos reais ocorridos na Califórnia no final dos anos 60, o filme conta a história de uma experiência prática produzida em sala de aula, que visava reproduzir os mecanismos de sistemas autocráticos, como o fascismo ou nazismo.

Numa semana de eventos especiais dentro da escola, um professor anarquista, se vê obrigado a dar aula sobre autocracia. Diante de alunos céticos quanto à possibilidade de o nazismo voltar à Alemanha, o professor propõe aos alunos uma experiência em grupo baseada em princípios autocráticos: Ideologia, controle, figura de um líder, disciplina etc.

É interessante notar que apesar dos alunos não demonstrarem nenhum interesse pelo assunto, o curso, em detrimento dos vários propostos naquela semana, possui um grande número de alunos inscritos. Isso se deve à forma simpática como o professor é visto, o que permitirá que este seja colocado como líder no “sistema” que irá se formar.

O professor inicia então atividades em classe que visam privilegiar o grupo: exercícios de respiração, movimentos corporais, marchas, etc. “Poder pela disciplina e pela união” e “aos poucos estamos virando uma unidade” são falas que começam a demonstrar a valorização que se começa a atribuir ao grupo independente do sujeito. Sintomático é a expulsão da sala de três alunos que se recusam a participar.

Parece que aqui se prenuncia aquilo que Freud chama de desaparecimento de aquisições individuais:

E é exatamente nesses ruidosos grupos efêmeros, superpostos uns aos outros, por assim dizer, que encontramos o prodígio desaparecimento completo, embora apenas temporário, exatamente daquilo que identificamos como aquisições individuais.

Ainda neste sentido, é escolhido um nome para o grupo – A Onda, uma saudação e uma peça de roupa que os identifique. Todos os componentes do “A Onda” usarão uma camisa branca.

Uma única garota que decide ir à aula sem a camisa branca, aparentemente porque a camisa branca não lhe caiu bem, passa a ser discriminada pelo grupo. E

---

\* Filme alemão do diretor Dennis Gansel produzido em 2008.

<sup>1</sup> Freud, S. Psicologia das Massas e Análise do Ego. Obras completas vol. XVIII, p.163  
assim, todos os alunos pertencentes à “Onda” passam a perseguir, discriminar e excluir outros alunos que não fazem parte do grupo. Ao mesmo tempo, todos os integrantes passam a colaborar e se ajudar mutuamente.

No capítulo VII de Psicologia das Massas e Análise do Ego, Freud distingue três formas de identificação. Numa delas é a percepção de uma qualidade comum partilhada com alguma outra pessoa que não é objeto da pulsão sexual, que determina a identificação.

Freud situa nesta modalidade o laço mútuo existente entre os membros de um grupo:

Já começamos a adivinhar que o laço mútuo existente entre os membros de um grupo é da natureza de uma identificação deste tipo, baseada numa importante qualidade emocional comum, e podemos suspeitar que essa qualidade resida na natureza do laço com o líder.<sup>2</sup>

É comum ao longo do filme aparecerem falas que apontam para falta de perspectivas por um lado, mas para inquietações por outro:

Do jovem Marco:

“Não vale a pena a gente se revoltar por nada.  
A gente só quer se divertir”  
“Você tem uma família legal, eu não”.

Nos vários depoimentos lidos sobre a experiência vivida:

“A onda nos deu uma motivação”  
“É muito melhor defender uma boa causa”

É interessante notar neste último depoimento, que o grupo pouco fez concretamente sobre uma causa específica. Não existiu de fato nenhuma realização concreta do grupo, salvo ações que visavam unicamente estabelecer e dar-lhe identidade. Parece-me que no fenômeno que se apresenta, se dá realmente alteração de uma instância psíquica, menos do que algo da ordem de uma catexia objetal.

Sobre o assunto, interessante observar como a discussão de Freud sobre identificação sempre perpassa a questão da catexia de objeto, seja como a expressão mais remota de laço emocional, seja como forma regressiva de vinculação ou quando deixa fora de consideração, qualquer relação de objeto.

Laplanche e Pontalis no verbete sobre identificação citam os efeitos desta

---

<sup>2</sup> Ibidem, p.136

no complexo de Édipo e na estruturação do sujeito:

(...) os investimentos nos pais são abandonados e substituídos por identificações.<sup>3</sup>

Freud cita ainda exemplos de identificação com um objeto renunciado ou perdido e sua introjeção no ego, como no caso da melancolia:

(...) A sombra do objeto caiu sobre o ego, como disse noutra parte. Aqui a introjeção do objeto é inequivocamente clara.<sup>4</sup>

Ao longo da narrativa vão surgindo cenas que indicam que algo está saindo do controle.

Numa atitude encarada como uma “grande missão”; Tim, um jovem entusiasta do grupo, arrisca a própria vida subindo num prédio para pintar o símbolo do grupo.

Numa briga com um grupo rival de anarquistas, o mesmo garoto puxa um revólver comprado recentemente pela Internet.

Tudo isso culmina numa enorme briga num jogo de pólo aquático da escola e em sérias discussões entre o professor e sua amada esposa; e a jovem Karo, questionadora do grupo e Marco, seu namorado apaixonado, que chega a agredi-la fisicamente.

Foi a partir destes fatos que o jovem Marco procura o professor para insistir que “a Onda” deve acabar:

“Essa merda me transformou totalmente”

A partir disso uma reunião é convocada para decidir o futuro da “Onda”, e mais uma vez os valores do grupo são exaltados. Exaltação essa sobre a qual o jovem Marco se rebela; e diante da ira de todos, é arrastado à frente acusado de traição. Diz o professor sob os olhares de uma massa de alunos que parecia hipnotizada.

“Tragam o traidor para cá”  
“Você está conosco ou contra nós”

É neste momento que o professor denuncia o que estava acontecendo:

---

<sup>3</sup> Laplanche, J e Pontalis, J. – Vocabulário de Psicanálise, p. 228

<sup>4</sup> Ibidem, p.138

“É isso o que fazemos com os que não concordam com a gente”  
“Nós achamos que éramos especiais”  
“Expulsamos os que pensavam diferente”

E por fim, declara terminada a experiência e extinta “A Onda”.

Mas para Tim a “Onda” não pode terminar desta forma:

“A Onda esta viva”. “A Onda era minha vida.”

Puxa um revólver e declara:

“Agora vocês vão me levar a sério.”  
“Acham que não sei que gozavam de mim?”

Atira num amigo e comete o suicídio.

O professor é preso e assim termina o filme.

Quais fatores propiciaram que a “Onda” se tornasse o que se tornou para o grupo, ou mais especificamente para alguns de seus participantes?

Parece-me que poderíamos pensar a forma como todo o grupo se uniu, a partir do que Freud definiu como colocação de um só e mesmo objeto no lugar do ideal do ego, na fórmula para constituição libidinal dos grupos:

(...) Um grupo primário desse tipo é um certo número de indivíduos que colocaram um só e mesmo objeto no lugar de seu ideal do ego e,

conseqüentemente, se identificaram uns com os outros em seu ego.<sup>5</sup>

A meu ver, falas como a de Tim “Lá ninguém liga pra mim” referindo-se à sua casa; ou de Marco “Você tem uma família legal, eu não”; são indícios de que algo possa ter acontecido no processo de identificação edípica, que facilita agora, a colocação do líder no lugar e na forma como foi colocado, bem como na relação que se estabeleceu com os demais membros do grupo. Me parece que não pode ser desprezado, o fato de que alguns jovens se rebelaram; e não só se recusaram a participar do movimento, como também lutaram contra ele.

Acredito também que possa estar presente algo do que Freud cita como transbordamento da libido narcisista para o objeto, que decorre de um conflito entre um ego e um ideal inatingido. Comenta Freud:

---

<sup>5</sup> Ibidem, p.147

Em muitas formas de escolha amorosa; é fato evidente que o objeto serve de sucedâneo para algum inatingido ideal do ego de nós mesmos.<sup>6</sup>

A situação colocada não passa pelo estar amando; mas um conflito ego/superego ou ideal do ego; pode, a meu ver, ter sido minimizado pela colocação neste lugar dos ideais do grupo. Nesse sentido as funções atribuídas ao ideal do ego ou superego deixariam de funcionar.

Neste ponto é interessante notar que a diferença evidenciada por Freud entre a Identificação e o estar amando, pode significar a necessidade de se repensar toda a linha de raciocínio desenvolvida no trabalho a partir da identificação.

A identificação constituiria e enriqueceria uma instância da personalidade, num sentido inverso à colocação de um objeto no lugar de uma instância. Afirmo Freud:

É fácil agora definir a diferença entre a identificação e esse desenvolvimento tão extremo do estado de estar amando que pode ser descrito como “fascinação” ou “servidão”. No primeiro caso, o ego enriqueceu-se com as propriedades do objeto, “introjetou” o objeto em si próprio. No segundo caso, empobreceu-se, entregou-se ao objeto, substituiu o seu constituinte mais importante pelo objeto.<sup>7</sup>

E ainda questiona a catexia de objeto na identificação:

Será inteiramente certo que a identificação pressupõe que a catexia de objeto tenha sido

abandonada? Não pode haver identificação enquanto o objeto é mantido?<sup>8</sup>

Voltando ao jovem Tim, o garoto que cometeu suicídio, valeria a pena mais algumas observações.

É fácil perceber que, desde o início, ele era o membro mais dedicado à idéia de um grupo forte. Percebe-se claramente a forma contundente de envolvimento e sua satisfação em atender prontamente todas as proposições colocadas.

Demonstra enorme satisfação ao responder corretamente uma pergunta do professor e visível orgulho ao marchar em consonância com os demais. Mas, a meu ver, o mais importante; parece demonstrar uma sensação de pertencimento.

---

<sup>6</sup> Ibidem, p.143

<sup>7</sup> Ibidem, p.144

<sup>8</sup> Ibidem, p.144

Um orgulho extremo, por finalmente ser aceito e fazer parte de um grupo.

Na cena em que leva drogas a amigos, não são amigos; e nada cobra por elas, fica clara sua necessidade de aceitação. Já num momento seguinte, aparenta certa fragilidade, ao não saber lidar com dois outros garotos que reivindicam o mesmo benefício.

Esta evidente necessidade de aceitação, a fragilidade e esta necessidade de se identificar e se apoiar no grupo, me sugerem questões que podem estar relacionadas a algo da ordem do Ego Ideal, a uma questão narcísica. É de Tim a fala “Em casa ninguém se importa comigo” e “A Onda era minha vida”. Por que tamanha necessidade da busca de algo fora de si? Interessante notar, por exemplo, como Tim em nenhum momento se mostra interessado em nenhuma garota, mas em contrapartida, totalmente disponível e a serviço do professor – líder. Parece que a todo momento este lhe merece atenção, possivelmente porque é o único capaz de lhe “atribuir” um lugar como sujeito, ainda que como um membro quase “asujeitado” de um grupo.

O fim da “Onda” e a “traição” daquele que lhe conferiu este lugar, parece um golpe demasiado sério numa já evidente ferida narcísica. A saída ? O suicídio.

Se deixarmos suspensa a discussão sobre a catexia ter sido ou não abandonada no processo de identificação, poderíamos pensar que todo o envolvimento de Tim com a Onda, significou sim um alto de grau de investimento. A perda deste objeto - o fim do grupo; significaria a liberação de uma grande quantidade de energia, que num processo parecido com o da melancolia poderia ter retornado ao ego. Ocorre, porém, que este objeto é aquele que o “traiu” e com o qual não consegue mais lidar. Na realidade o objeto foi

perdido, mas sua “sombra” recaiu sobre o ego. Por trás da necessidade de aceitação acredito que haja uma hostilidade latente. Hostilidade essa que se volta contra o ego; já que neste momento este é o depositário de toda a expectativa frustrada e falsamente criada. Matar o ego é matar o objeto que o traiu. Me indago se não teríamos aqui o que Freud descreve em Luto e Melancolia:

A análise da melancolia mostra agora que o ego só pode se matar se, devido ao retorno da catexia objetal, puder tratar a si mesmo como um objeto – se for capaz de dirigir contra si mesmo a hostilidade relacionada a um objeto, e que representa a reação original do ego para com objetos do mundo externo.<sup>9</sup>

Para finalizar, vale a menção de que algo que poderíamos nomear como uma falta, permeia a fala de vários integrantes do grupo; o que permitiria talvez, uma reflexão sobre a castração; mas não no escopo deste trabalho.

---

<sup>9</sup> Freud, S. A História do Movimento Psicanalítico. Obras Completas vol. XIV, p. 284

### **Bibliografia:**

Freud, S. – Psicologia das Massas e Análise do Ego – Obras Completas. Vol. XVIII Ed. Imago, 1ª edição, Rio, 1977.

Freud, S. – A História do Movimento Psicanalítico, Artigos sobre Metapsicologia e Outros Trabalhos – Obras Completas Vol. XIV Ed. Imago, 1ª edição, Rio, 1977.

Laplanche, J. e Pontalis, J. – Vocabulário de Psicanálise, Ed. Martins Fontes, 12ª edição, SP, 1992. Conceito: Identificação.

